



VARIAÇÃO NÓS ~ A GENTE NA FUNÇÃO DE SUJEITO E DE OBJETO NAS COMUNIDADES DE ITAÚNA E MACHACALIS/MG

Maria do Carmo Viegas¹ (UFMG)
mariadocarmo.viegas@gmail.com

Eliane Aparecida Goulart Mendes² (UFMG)
elianeagm@uol.com.br

RESUMO: Esta pesquisa realizada nas comunidades urbanas de Itaúna-MG e de Machacalis-MG busca elucidar a variação NÓS ~ A GENTE em falares mineiros. Destacamos os vários estudos da variação NÓS ~ A GENTE, dentre eles o de Silva (2014), que mostram que esse não é somente um caso de variação mas também de mudança em progresso, conforme o modelo teórico-metodológico variacionista de Labov ([1972] 2008). Consideramos que a separação das funções e dos significados é metodologicamente importante quando tratamos o fenômeno como variação. Este artigo visa investigar, no sistema pronominal, a variação das formas de 1ª Pessoa do Plural – NÓS ~ A GENTE – nas funções gramaticais de sujeito, com significado determinado e indeterminado, e de objeto sem preposição, com significado determinado e indeterminado, na cidade de Itaúna, localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais, região pertencente ao falar mineiro, e na comunidade de Machacalis, também em Minas Gerais, localizada no Vale do Mucuri, área pertencente ao falar baiano, ambas as classificações em consonância com Zágari (1998). Evidenciamos que a implementação da mudança se mostra em estágios mais adiantados com o significado indeterminado, relativamente ao significado determinado, na função de sujeito e de objeto sem preposição, na cidade de Machacalis. Nessa cidade, existe, atualmente uma tendência à especialização das formas: A GENTE, no significado indeterminado, e NÓS, no determinado. Já na cidade de Itaúna, a implementação da mudança está praticamente completa nos dois significados e nas duas funções gramaticais. Estamos tratando principalmente, na variação em questão, da etapa de estratificação envolvida no processo de gramaticalização do A GENTE, o qual vem assumindo funções de NÓS, conforme Hopper e Traugott (1993). Interessa-nos, ainda, observar especialmente os conceitos de redes sociais apresentados por Milroy (1987), que considera que as propriedades que caracterizam a rede social de um indivíduo influenciam as realizações linguísticas desse. A interpretação é que Machacalis possui uma comunidade linguística mais fechada do que Itaúna e isso seria a motivação das realizações mais conservadoras em Machacalis em relação à implementação da mudança em Itaúna.

PALAVRAS-CHAVE: NÓS ~ A GENTE; Variação; Gramaticalização; Falares Mineiros; Redes Sociais.

ABSTRACT: This research carried out in the urban communities of Itaúna and Machacalis in Minas Gerais we seek to elucidate the variable phenomena in the speech of Minas Gerais state. The variation NÓS ~ A GENTE has been object of several studies. In this sense, through we In order to do so, we highlighted the studies of the NÓS ~ A GENTE variation, among them we have the study of Silva (2014), which point out that this is not only a case of variation but also a case of changing in progress, according to the variationist theoretical-methodological model of Labov ([1972] 2008). Considered that the separation of functions and meanings is methodologically important when we treat the phenomenon as variation. Therefore, in this article, we aim to investigate, in the pronominal system of Brazilian Portuguese, the variation of the forms of the 1st Person of the Plural –NÓS ~ A GENTE– in the

¹ Faculdade de Letras da UFMG, Professora Doutora, mariadocarmo.viegas@gmail.com.

² Faculdade de Letras da UFMG, Doutoranda em Estudos Linguísticos, elianeagm@uol.com.br.



grammatical functions of subject and object without preposition, both in determinate and indeterminate meanings, in Itaúna city, located in the center-west of Minas Gerais, a region belonging to Minas Gerais speeches; and in the community of Machacalis, also in Minas Gerais, located in the Mucuri Valley, an area belonging to Bahia speech, both the classifications in consonance with Zágari (1998). Thus, through this research, we showed that the implementation of the changing is at advanced stages with the indeterminate meaning, in relation to determinate meaning, in the function of subject and object without preposition, in the city of Machacalis. In this city, there is then a tendency towards the specialization of the forms: A GENTE, in indeterminate meaning, and NÓS, in determinate meaning. However, in Itaúna city, the implementation of the changing is practically completed in both meanings and in both grammatical functions. In the variation in question, we are mainly dealing with the stratification phase that is involved in the grammaticalization process of A GENTE, which has been assuming the functions of the pronoun NÓS, according to Hopper and Traugott (1993). It is also interesting to observe the concepts of social networks presented by Milroy (1987), who consider that the properties that characterize the social network of an individual influence the linguistic achievements of this. The interpretation is that Machacalis has a more closed linguistic community than Itaúna, and this would be the motivation of the more conservative accomplishments in Machacalis in relation to the implementation of the change in Itaúna.

KEYWORDS: NÓS ~ A GENTE; Variation; Grammaticalization; Minas Gerais Speeches; Social Networks.

1 Introdução

O trabalho ora proposto está inserido nos estudos do Grupo de Pesquisa do CNPq *VARFON-Minas: Variação Fonético-fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais*, que tem por finalidade investigar os processos de variação linguística presentes nos falares da população mineira, bem como compreender os processos subjacentes a essa variação.

Investigamos, por meio desta pesquisa, no sistema pronominal da língua portuguesa, a variação das formas de 1ª Pessoa do Plural – NÓS ~ A GENTE – na cidade mineira de Machacalis³, localizada no Vale do Mucuri, no nordeste de Minas Gerais, área pertencente ao falar considerado baiano, e analisamos também a cidade de Itaúna, localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais, região pertencente ao falar mineiro, segundo Zágari (1998).

Como exemplo de variação a ser estudado, temos as seguintes frases:

³Embora o nome oficial seja escrito com X, optamos pela grafia com CH, pois essa foi uma solicitação dos informantes. Com isso, eles pretendem evitar possíveis confusões com o nome da tribo indígena.

1-“[...] era muito bom porque não tinha videogame então **a gente** brincava era na rua, [...]” (EMIAF39⁴ e as pessoas de modo geral)

2-“[...] **nós** tem que criar de dentro pra fora , [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

Ambas as frases apresentam formas pronominais com significado “o falante e as pessoas de modo geral”, isto é, A GENTE e NÓS equivalem a “todo mundo”. Esses seriam casos de uso da variável 1-sujeito com significado indeterminado⁵.

Temos ainda casos como:

3- “[...] então aí **a gente** votou no Ramalho que era uma pessoa que nem daqui num era, era de Sete Lagoas e as classes mais pobres teve como mudar [...]” (EMIAF39 e os moradores de Itaúna).

4- “[...] **nós** já denunciemos isso já. [...]” (EMIAF39 e os moradores de Itaúna).

Ambas as frases apresentam as formas pronominais com significado de 1ª Pessoa do Plural com referencial determinado e nomeável. Esses seriam casos da variável 2-sujeito com significado determinado.

Nesse sentido, o tema em estudo é de relevância para os estudos na área de sociolinguística, especialmente se considerarmos a questão da determinação/indeterminação da forma inovadora. Outros estudos, entre eles o pioneiro de Omena (1986), mostram que a função sintática é importante para que se observe a entrada da forma inovadora no sistema.

Tomamos como referencial teórico, a Teoria da Variação e Mudança Linguística, (LABOV, [1972] 2008), buscando, com isso, associar fenômenos linguísticos e fenômenos sociais para a compreensão e sistematização dos processos envolvidos nas variáveis A GENTE ~ NÓS. Segundo Tarallo (2007), as variantes linguísticas podem ser definidas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. O conjunto formado pelas variantes linguísticas recebe a denominação de variável. No caso em questão, a variável 1 é a 1ª Pessoa do Plural com

⁴EMIAF39 As duas letras iniciais dizem respeito à identificação do informante, o I corresponde à inicial da cidade de Itaúna, o A adulto, o F indicação de feminino e o número 39 corresponde à idade.

⁵ Como sabemos existe uma gradação entre determinação e indeterminação, mas aqui trataremos dos casos extremos desse contínuo.

significado indeterminado na função de sujeito, e as variantes são as formas NÓS e A GENTE; e a variável 2 é a 1ª Pessoa do Plural com significado determinado na função de sujeito com as variantes NÓS e A GENTE. Avaliaremos também posteriormente a variável 3 com significado indeterminado na função de objeto sem preposição e a variável 4 com significado determinado na função de objeto sem preposição⁶.

De acordo com Menon (1996, p. 625-626),

Porém, num dado momento do português, ainda não estudado em profundidade ou extensão, dentre as várias construções possíveis especializou-se o uso da locução formada pelo artigo *a* mais o substantivo *gente*, para designar os seres de maneira coletiva, genérica: especializou-se o sentido, mas não se perdeu o significado primeiro. Passa, então a ser uma das formas de expressar o "sujeito indeterminado". Desse uso, possivelmente derivou o emprego de *a gente* por *nós* ou por *eu*. Visto que o (s) falante (s) pode (m) se incluir na indeterminação, a forma adquiriu os traços semânticos de 1ª pessoa do plural e, depois, do singular.

Portanto, pode-se afirmar que a variante A GENTE com significado determinado é mais recente, o que torna possível formular a hipótese de que A GENTE pronominal determinado deve ter a sua implementação menos avançada em relação ao significado indeterminado.

Outro aspecto que será avaliado neste artigo é o contexto em que a variação ocorre, pois, conforme a definição de variável apresentada, as variantes devem ter o mesmo significado em um mesmo contexto linguístico. Destacamos, então, a variação NÓS ~ A GENTE empregada nas funções sintáticas de sujeito, com significado determinado e indeterminado, e de objeto sem preposição, com significado determinado e indeterminado. Dessa forma, consideramos os diversos contextos assumidos por cada uma das variáveis separadamente.

Nossa hipótese é que na função de objeto sem preposição o A GENTE esteja progredindo mais rapidamente do que o NÓS, visto que o NÓS aí parece carregar algum estigma social.

⁶Estudamos também a variação NÓS ~ A GENTE em outras funções, mas, neste texto, apresentaremos apenas os dados da função de sujeito e objeto sem preposição.

Na função de sujeito com significado indeterminado (variável 1) temos as frases 1 e 2 e na função de sujeito com significado determinado (variável 2), temos as frases 3 e 4.

Na função de objeto sem preposição com significado indeterminado, temos a variável 3 e na função de objeto sem preposição com significado determinado, temos a variável 4.

Vejamos alguns exemplos da variável 4:

5- "[...] já ia na prefeitura pedir patrocínio, prefeito com muito custo levava **a gente**, [...]" (CHIAM33 e os atletas da cidade).

6- "[...] mas depois o guarda foi e pegou **nós**, [...]" (DMIJF16 e seus colegas).

Em Machacalis na variável 3 na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, não ocorreu a variável A GENTE. Em Itaúna ocorreram apenas casos do A GENTE como variante dessa variável 3.

7- "[...] tem muitas pessoas que pode ensinar **a gente** [...]" (EMIAF39 e as pessoas de modo geral)

Primeiramente, separamos os casos invariáveis, que não devem entrar nesta análise, como é o caso da frase:

8- "[...] mas **nós dois** saiu na mesma semana , ele tinha dois colunista, eu e o Luis [...]" (EMIAF39 e o Luís).

Com quantificador, não ocorreram frases com a variante A GENTE, por isso esses dados não serão tratados na análise, já que não houve variação. Ocorreram apenas casos com a variante NÓS. Vejamos o exemplo a seguir:

9- "[...] aí foi **nós dois** largou ele de uma vez ele ficou bravo demais. [...]" (EMIAF39 e o Luís).

Assim, elaboramos as seguintes perguntas que nos interessa responder:

A variante A GENTE está em progressão nas duas funções?

A variante A GENTE está em progressão nos dois significados?

Existe diferença na implementação desses processos linguísticos nas duas cidades? Se existe, qual é a motivação para essa diferença?

Apresentamos a hipótese 1 de que A GENTE se encontra em mudança em progresso na comunidade de fala de Itaúna-MG, no significado indeterminado, estando esse à frente do significado determinado na implementação da mudança tendo como referência o estudo realizado por Silva (2014).

Consideramos como hipótese 2 o fato de que o A GENTE, tanto determinado quanto indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição, e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição parece apresentar algum estigma social.

Vejamos:

5- "[...] já ia na prefeitura pedir patrocínio, prefeito com muito custo levava **a gente**, [...]" (CHIAM33 e os atletas da cidade).

6- "[...] mas depois o guarda foi e pegou **nós**, [...]" (DMIJF16 e seus colegas).

10- "[...] e ele briga ele xinga **nós** sabe [...]" (EMIAF39 e o Luís)

11- "[...] eles encobria **nós** [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

Como existe na língua padrão, o pronome oblíquo NOS, hipotetizamos que usar o pronome do caso reto NÓS parece carregar uma marca de estigma. Já em relação ao uso de A GENTE, nesse caso, não parece haver estigma atribuído, visto que não existe um correspondente para A GENTE na forma oblíqua. "Levava A GENTE" parece apresentar menos estigma do que "Levava NÓS ". Apresenta também menos estigma "Xinga A GENTE" do que "Xinga NÓS".

A variante NOS, pronome oblíquo, não foi encontrada nos dados.

Há ainda a hipótese 3 de que a mudança encontra-se em diferentes estágios de progressão nas diferentes cidades devido às diferenças nas redes sociais das cidades pesquisadas. Haveria reação à mudança, maior em Machacalis do que em Itaúna. Nesse sentido, nossa hipótese é que a implementação de A GENTE sofre influência das redes sociais conforme Milroy (1987) nas comunidades em questão. Itaúna por ser uma rede social mais aberta vem implementando a mudança mais rapidamente do que em Machacalis.

Dáí a relevância de considerarmos, neste estudo, o trabalho de Milroy (1987), que define os espaços e os tipos de interação entre os indivíduos como redes sociais. Desse modo, objetivamos relacionar a questão da implementação da forma A GENTE como pronome nas cidades aqui pesquisadas às redes sociais dessas comunidades de fala.

Bortoni-Ricardo (2014, p. 130) conceitua rede social como:

Uma rede social é concebida como o conjunto de vínculos de qualquer tipo que se estabelecem entre as pessoas de um grupo. A introdução desse conceito na tradição dos estudos sociais, iniciada na Antropologia, resultou da percepção de que as características desses vínculos podem ser muito reveladoras das identidades dos membros do grupo.

Nessa perspectiva, no estudo de três comunidades operárias de Belfast, Milroy (1987) mostra que as propriedades que caracterizam a rede social de um indivíduo influenciam sua performance linguística. A autora também afirma que as redes sociais mais densas – aquelas em que todos os membros se inter-relacionam intensamente e interagem uns com os outros numa diversidade de situações – constituem um mecanismo poderoso de “normativização”. Tal mecanismo acaba desempenhando papel decisivo na homogeneização de crenças e práticas sociais dentro do grupo, o que inclui as práticas linguísticas.

Milroy (1987) *apud* Coelho et al. (2015, p. 68):

situa seus falantes em redes sociais - redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidos na vida cotidiana, que variam de um indivíduo para outro e são constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. Quanto maior o número de pessoas que se conhecem umas às outras numa certa rede, mais alta será a **densidade** dessa rede. Uma análise sociolinguística baseada em redes sociais procura captar a dinâmica dos comportamentos interacionais dos falantes e possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais etc., favorecendo a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística.

A proposta de Milroy (1987) é a de que, quanto mais densa e multiplexa é a rede, mais conservadora é a comunidade de fala, e menos rápida a mudança se implementa. Assim, formulou-se a hipótese de que, em Machacalis, onde a rede é mais densa e multiplexa (SILVA, 2014) deve estar sendo implementada a mudança de NÓS para A GENTE mais lentamente do que em Itaúna, que possui uma rede menos densa, multiplexa, mais aberta (SIMIÃO e VIEGAS, 2015) do que a de Machacalis.

2 Aspectos teóricos metodológicos

Segundo Labov ([1972] 2008, p. 150) *apud* Coelho et al. (2015, p. 67-68):

uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua - o que pode ser observado tanto em "comportamentos avaliativos explícitos" como "pela uniformidade de padrões abstratos de variação."

A língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade. Labov ([1972] 2008, p. 259) "crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala".

Em consonância com Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) dentro das etapas envolvendo o fenômeno da variação existem cinco problemas a serem tratados por uma teoria da mudança linguística, tais como: a) O problema dos fatores condicionantes, b) O problema da transição, c) O problema do encaixamento, d) O problema da avaliação e e) O problema da implementação. Todavia, para esta pesquisa, enfatizamos que nos interessa especialmente o problema da implementação. Weinreich; Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 124) definem o problema da implementação como:

O processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto na estrutura da língua. A dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança: é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão a *posteriori*. Se considerarmos seriamente o postulado de que a mudança linguística é mudança no comportamento social, então não deve nos

surpreender que hipóteses preditivas não estejam prontamente disponíveis, pois este é um problema comum a todos os estudos do comportamento social (Neurath 1944). Tais considerações não devem nos impedir de examinar tantos casos quanto pudermos em todo por menor para responder os problemas levantados acima e reunir tais respostas numa visão abrangente do processo de mudança. Uma proposta deste tipo para os modos como os fatores sociais incidem sobre os traços linguísticos num mecanismo cíclico se baseia em padrões repetidos observados nuns poucos casos bem estudados (Labov 1965).

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...]

Segundo Tarallo (2007, p. 7), é possível afirmar que há uma relação entre língua e sociedade e uma possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Nesse sentido, a heterogeneidade das línguas leva em conta, além de fatores linguísticos, fatores sociais, os quais podem estar regulando a variação e a mudança linguística, ou seja, os grupos de fatores sociais, tais como: sexo, escolaridade, idade, grupo social e outros, podem atuar nos processos variáveis.

Assim, é possível fazer uma análise do fenômeno linguístico identificando, por exemplo, se o processo de variação está estável na comunidade, ou se determinada variante é de uso restrito de determinado grupo de falantes (homens/mulheres, jovens/idosos, escolarizados/não escolarizados etc.), ou se a variante determinada é mais frequente no grupo dos jovens, indicando mudança em progresso.

Em consonância com Mattos (2013, p. 64), em sua tese intitulada Goiás na primeira pessoa do plural, é importante destacar as contribuições da análise linguística em tempo aparente:

Sem dúvida, a análise em tempo aparente, realizada por meio de coleta e análise de dados relativos a diversos extratos etários, como jovens, adultos e idosos, possibilita importantes correlações entre os fatores linguísticos internos às variantes do fator idade, e inferências possíveis quanto ao processo ou não de mudança linguística em curso. As conclusões a esse respeito se baseiam no pressuposto de que se jovens, representando o futuro da língua, utilizam mais intensamente a variante inovadora, comparativamente aos outros segmentos etários, então podemos estar diante de uma situação de mudança em progresso.



Desse modo, buscamos averiguar se o grupo de fator social faixa etária favorece, ou não, a escolha das formas pronominais em variação: NÓS e A GENTE, com o significado da 1ª Pessoa do Plural nas comunidades de fala de Machacalis e de Itaúna.

Nessa pesquisa foi utilizada a técnica de entrevistas gravadas, dados do VARFON-Minas/CNPq. Trabalhamos aqui com uma amostra de 8 informantes selecionados em cada cidade, conforme Almeida (2008), por meio da técnica de amostragem aleatória, definida por Tarallo (2007, p. 27). Consideramos a certeza de que todos os membros da comunidade tiveram a chance de ser entrevistados. Para a seleção desses informantes, foram observados (4 indivíduos do gênero masculino e 4 indivíduos do gênero feminino) e o grupo de fator faixa etária (4 jovens: 15 a 24 anos e 4 adultos: 30 a 60 anos) em cada cidade. Os fatores grupo social e a escolaridade foram controlados. Os informantes estão equitativamente distribuídos quanto ao gênero e à faixa etária.

Os critérios adotados para a escolha dos informantes foram: ser pessoa nascida e moradora da cidade de Itaúna ou de Machacalis; ter o ensino médio completo e pertencer ao grupo social intermediário, controlando, dessa maneira, as variáveis sociais não estratificadas; ter boa dicção, já que o estudo das variáveis depende de uma boa qualidade sonora; estar disposta(o) a realizar entrevista gravada e a autorizar a gravação conforme Dias (2014, p. 116-117) e Oliveira (2012, p. 126-127).

Todas as entrevistas gravadas têm duração de aproximadamente 60 minutos, sendo obtidas em conformidade com a metodologia empregada, usualmente, em estudo de caráter variacionista. Tais entrevistas foram norteadas pela abordagem de assuntos do cotidiano dos informantes, os quais tiveram suas predileções de tema respeitadas. As transcrições dessas entrevistas foram feitas de acordo com os padrões ortográficos da Língua Portuguesa. Nesse sentido, é importante ressaltar que as características da fala dos informantes, como, por exemplo, a concordância e a regência nominais e verbais, foram respeitadas.

Para a realização do que foi proposto no presente artigo, durante a pesquisa, fizemos a descrição dos significados e das funções das formas pronominais NÓS e A

GENTE. Os contextos em que não houve variação foram excluídos da análise. O estudo estatístico das variantes na cidade de Machacalis e de Itaúna foi realizado com base na metodologia da sociolinguística, considerando-se cada significado e cada função. Foi feita uma análise objetivando verificar se o grupo de fator faixa etária favorece, ou não, o uso de uma ou de outra forma em cada contexto, para cada significado. Buscamos, com isso, verificar se há indícios de mudança em progresso em cada uma das quatro variáveis.

Para a análise quantitativa utilizamos o teste *qui-quadrado*. De acordo com Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p. 215),

O objetivo desse teste é verificar, enfim, se podemos afirmar que há diferença estatisticamente significativa. A partir do teste obteremos como resultado um valor de probabilidade (chamado p-valor). Em ciências sociais, convencionou-se o p-valor de 0,05 (chamado nível de significância) como limite para probabilidade de cometer tal erro. Valores abaixo de 0,05 são considerados estatisticamente significativos; valores acima de 0,05 não são estatisticamente significativos.

Para o processo em questão, adotamos também o modelo de Gramaticalização proposto por Hopper (1991 *apud* TAMANINE, 2010, p.72-75), o qual é regido por cinco princípios: da estratificação (*layering*), da divergência (*divergence*), da especialização (*specialization*), da persistência (*persistence*) e da decategorização (*de categorization*). Para este estudo, observaremos especialmente os princípios da estratificação, da especialização e da persistência.

Segundo o princípio da estratificação, como resultado da gramaticalização, podem emergir, ao longo do tempo, nos domínios funcionais da gramática, novas camadas, as quais passam a coexistir com as camadas mais antigas, caso estas continuem sendo usadas. O A GENTE pronominal é usado, apesar de o NÓS ainda continuar em uso.

Em relação ao princípio da persistência, o determinante *a* mais o substantivo *gente* continuam recorrentes conforme exemplo apresentado a seguir:



12- "[...] muitas pessoas que financiou **a gente**, *gente* daqui e *gente* de fora [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

Em consonância com Hopper (1991) *apud* Tamanine (2010, p. 74), " a *especialização* se associa à limitação das opções que ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória". Observaremos melhor nos nossos dados o princípio da especialização.

Nas palavras de Lopes (2002), a gramaticalização ocorre quando um item lexical/uma construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical, ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Segundo a autora, teríamos, então, um processo de gramaticalização do termo A GENTE, tornando-se este uma forma pronominal. Assim, nota-se um processo de mudança em curso no PB, no que se refere ao seu quadro pronominal, em que a tendência entre seus falantes é a do uso da forma inovadora: A GENTE.

Segundo Menon (1996, p. 625), "o uso indeterminado de A GENTE precede seu uso determinado".

Como podemos ver em Menon (1996, p. 626):

"[...] Pron. Indef. > Pron. Pess. 1(P>S)"

a gente

a gente

Vamos estabelecer que esse uso indeterminado (inicial) é o mais lexical em relação ao uso determinado (referencial e posterior), considerado mais gramatical.

3 Análise e Resultados

Propõe-se, aqui, realizar uma análise dos dados coletados acerca da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito com significado determinado e na função de sujeito com significado indeterminado, bem como na função de objeto sem preposição, com significado determinado e indeterminado, da cidade de Machacalis/MG e de Itaúna/MG.

3.1 Vejamos os dados de Itaúna:

TABELA 1 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado na cidade de Itaúna

SUJEITO - DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IMIJF 15	6	0	EMIAF39	27	49
DMIJF 16	15	7	BMIAF40	11	2
FHIJM 16	31	1	CHIAM33	6	0
RHIJM 17	36	23	AHIAM34	19	5
TOTAL:	88	31	TOTAL:	63	56
	74%	26%		53%	47%
P-VALOR TOTAL			0,0007655372		

Com base na análise dos dados da Tabela 1, observamos que, na fala dos itaunenses, é mais frequente o uso da variante A GENTE, tanto pelos adultos (53% das ocorrências) quanto pelos jovens (74% das ocorrências).

Para verificar se essa diferença de uso das variantes entre os jovens e adultos é estatisticamente significativa, foi calculado o p-valor do teste *qui-quadrado*. Como pode ser visto na Tabela 1, o p-valor é inferior a 0,05, o que mostra que a diferença de idade é significativa para a função gramatical de sujeito com significado determinado. Os

jovens usam mais significativamente o A GENTE do que os adultos. Indícios de progressão do A GENTE.

TABELA 2 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado na cidade de Itaúna

SUJEITO– INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IM IJF15	0	0	EM IAF39	15	3
DM IJF16	18	0	BM IAF40	6	0
FH IJM16	8	0	CH IAM33	0	0
RH IJM17	1	1	AH IAM34	20	0
TOTAL:	27	1	TOTAL:	41	3
	96%	4%		93%	7%
P-VALOR TOTAL					
0, 5576589289					

Já com relação à variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito com significado indeterminado, a Tabela 2 mostra que os falantes jovens e adultos utilizaram mais A GENTE, sendo essa variante 96% e 93% das ocorrências, respectivamente. Como se observa, há pouca diferença entre jovens e adultos quanto ao uso das formas A GENTE e NÓS e ambos os grupos preferem falar A GENTE em vez de NÓS.

A interpretação é de que a mudança já progrediu consideravelmente na cidade de Itaúna. Com base nesses dados, observamos que tanto os adultos quanto os jovens utilizam mais A GENTE na posição de sujeito com significado indeterminado. Assim, na Tabela 2, observamos que o resultado do teste de *qui-quadrado* apresenta p-valor superior a 0,05, revelando que a diferença de idade entre os falantes (jovens e adultos) não é estatisticamente significativa para explicar o uso de A GENTE e NÓS.

Assim, na função de sujeito, usa-se sempre mais A GENTE em Itaúna com significado determinado e com significado indeterminado e encontramos indícios de progressão do A GENTE com o significado determinado. Há indício de comprovação

da hipótese de que a progressão da mudança se deu primeiro no significado indeterminado.

Com base nos trabalhos realizados por Omena (1998), Lopes (1998), Mendonça (2010), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004) *apud* Franceschini (2015, p. 186), em sua pesquisa sobre a Variação Pronominal NÓS/ A GENTE em Concórdia - SC: o papel dos fatores linguísticos e sociais, constatou-se que o pronome A GENTE é bem mais elevado na referência semântica de indeterminação:

[...] pois em todos esses trabalhos o pronome *a gente*, em relação a *nós*, predominou no campo da indeterminação. Assim, como diversos estudos já evidenciaram, há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (não-eu), ou a ele mesmo mais a não-pessoa (ele(s)): referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*.

Ainda segundo Franceschini (2015, p. 186),

A determinação do referente tem se destacado, portanto, como uma variável relevante para a escolha do pronome. Apesar da correspondência apontada entre *nós* e *a gente* na indicação de 1.^a pessoa do plural, a análise dessas duas formas feita a partir de vários trabalhos indica que *a gente* é mais utilizado quando o referente é indeterminado, e vem apresentando um aumento significativo de uso também em contextos determinados.

TABELA 3 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IM IJF15	1	0	EM IAF39	5	2
DM IJF16	0	0	BMIAF40	0	0
FH IJM16	0	0	CH IAM33	2	0
RH IJM17	0	0	AH IAM34	1	0
TOTAL:	1	0	TOTAL:	8	2



	100%	0%		80%	20%
P-VALOR TOTAL					
0, 6210143712					

São poucos dados, mas a partir dos dados apresentados na tabela 3, constatamos que o teste *qui-quadrado* apresentou resultado do p-valor maior que 0,05, o que significa que a diferença entre A GENTE e NÓS estatisticamente não é significativa. Assim, nessa função no significado determinado o que podemos observar é que o A GENTE é preponderante.

Vejamos os dados:

5- "[...] já ia na prefeitura pedir patrocínio, prefeito com muito custo levava **a gente**, [...]" (CHIAM33 e os atletas da cidade).

6- "[...] mas depois o guarda foi e pegou **nós**, [...]" (DMIJF16 e seus colegas).

10- "[...] e ele briga ele xinga **nós** sabe [...]" (EMIAF39 e o Luís).

12- "[...] muitas pessoas que financiou **a gente**, gente daqui e gente de fora [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

13- "[...] ele era mais carinhoso, pegava **a gente** no colo [...]" (IMIJF15 e seus irmãos).

14- "[...] levou **a gente** para Pará-de-Minas uma vez [...]" (CHIAM33 e os atletas da cidade).

15- "[...] meu pai toda vida ensinou **a gente** a acordar cedo, que home tem que acordar é cedo, [...]" (AHIAM34 e seus irmãos).

16- "[...] então é assim tem umas coisa que por uma cidade do interior apesar que tá muito perto de belo horizonte, mas tá assustando **a gente** um pouco [...]" (AHIAM34 e as pessoas de modo geral).

17- "[...] eles encobria **nós** [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

18- "[...] ou tinha gente no poder que tinha dinheiro que ajudava **a gente** [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

19- "[...] médicos , né , políticos, que patrocinou **a gente** [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

20- "[...] o Ulisses Guimarães recebeu **a gente** [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

21- "[...] o Marcos Lima era deputado recebeu **a gente** lá [...]" (EMIAF39 e seus colegas).

22- "[...] tem muitas pessoas que pode ensinar **a gente** [...]" (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

23- "[...] porque de fora o que ensina **a gente** é competição muito alta [...]" (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

Diante dos exemplos apresentados, notamos que a posição que mais favorece o uso da variante A GENTE é a de objeto sem preposição. Nessa função, o uso da forma inovadora é favorecido devido à ocorrência do clítico (NOS) junto ao pronome canônico. Como o uso acima é passível de estigmatização, o falante tende a substituir o NÓS por A GENTE.

Segundo Coelho (2006, p. 51),

Nessa perspectiva, quando nos reportamos à mudança linguística, não nos referimos somente a uma substituição de uma variante por outra numa comunidade por inteiro. A mudança linguística deve também ser entendida como uma estratégia de afastamento, por parte do falante, de uma variante estigmatizada.

Assim, a hipótese aqui testada é de que o A GENTE estaria em progressão mais adiantada na função de objeto, já que o NÓS nessa função parece carregar estigma devido à existência do padrão (NOS). São poucos os casos, mas a maioria é A GENTE. Só existem dois casos de NÓS que foram realizados pela mesma informante. Podemos dizer que há indícios de que o A GENTE está implementando mais rapidamente nessa função.

Segundo Omena (1986), as variantes NÓS e A GENTE ocorrem mais frequentemente na posição de sujeito do que na de objeto, “o que é uma característica dos pronomes pessoais, em geral, pois, envolvendo pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito” (OMENA, 1986, p. 288).

TABELA 4 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IM IJF15	0	0	EM IAF39	2	0
DM IJF16	0	0	BM IAF40	1	0
FH IJM16	0	0	CH IAM33	0	0
RHIJM17	0	0	AH IAM34	1	0
TOTAL:	0	0	TOTAL:	4	0
	0%	0%		100%	0%
P-VALOR TOTAL					

Os informantes usaram apenas A GENTE para essa função com esse significado. Não há variação. São poucos dados, mas podemos afirmar que o A GENTE na função de objeto é preponderante, confirmando mais uma vez a hipótese 2 de que na função de objeto o A GENTE estaria mais uma vez implementado. Já mencionamos que comprovamos a hipótese 1 de que o A GENTE está sendo implementado mais rapidamente com o significado indeterminado.

3.2 Vejamos os dados de Machacalis.

TABELA 5 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado na cidade de Machacalis

SUJEITO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	29	1	CMAF	81	46
JMJF	16	69	GMAF	14	29
SMJM	13	4	JMAM	37	13

SUJEITO – DETERMINADO					
MMJM	9	19	AMAM	1	20
TOTAL:	67	93	TOTAL:	133	108
	41%	58%		55%	44%
P-VALOR TOTAL:			0,0331088451		

Na Tabela 5, os adultos fazem mais uso de A GENTE com significado determinado na função sintática de sujeito, enquanto que os jovens fazem mais uso de NÓS quando o significado é determinado. O teste de *qui-quadrado* apresentou resultado significativo com o p-valor menor que 0,05 com significado determinado.

É importante salientar, aqui, que os estudos realizados por Mattos (2013) e Coelho (2006) mostram que o uso de NÓS pode estar associado a uma questão identitária, daí ser mais encontrado entre os jovens.

Vejamos os dados da variação na função de sujeito indeterminado:

TABELA 6 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado na cidade de Machacalis

SUJEITO – INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	7	0	CMAF	24	1
JMJF	1	0	GMAF	3	0
SMJM	57	9	JMAM	10	1
MMJM	3	2	AMAM	7	7
TOTAL:	68	11	TOTAL:	44	9
	86%	13%		83%	16%
P-VALOR TOTAL:			0,8911026568		

Na Tabela 6, a variante A GENTE é mais usada com significado indeterminado, na função sintática de sujeito, entre adultos e jovens. O teste *qui-quadrado* não é

significativo. Jovens e adultos falam igualmente mais o A GENTE com significado indeterminado.

Assim, comprovamos que o A GENTE pronominal considerado indeterminado já atingiu mais de 80% entre jovens e adultos. Conforme Menon (1996), o primeiro significado é o significado indeterminado e, nesse significado, observamos que o A GENTE está bem implantado como forma pronominal em Machacalis.

O significado mais referencial é o determinado, mais gramatical. Esse ainda não está bem implantado em Machacalis, pois os jovens utilizam menos o A GENTE do que os adultos.

Parece estar ocorrendo uma especialização das formas entre os jovens com significado indeterminado sendo o A GENTE mais usado, e, com significado determinado, usa-se mais o NÓS⁷. O princípio da especialização ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória, conforme previsto na hipótese 3.

Vejamos os dados na função de objeto:

TABELA 7 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado na cidade de Machacalis

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	1	0	CMAF	0	0
JMJF	1	7	GMAF	1	0
SMJM	3	2	JMAM	0	0
MMJM	1	0	AMAM	2	0
TOTAL:	6	9	TOTAL:	3	0
	40%	60%		100%	0%
P-VALOR TOTAL:			0,1652988882		

⁷ Silva (2014) encontrou resultados semelhantes.

Na Tabela 7, não há variação nos adultos. O teste *qui-quadrado* não apresentou resultado significativo, mostrando que a diferença entre jovens e adultos não é relevante. Como são poucos casos, isso pode ter influenciado a aplicação do teste *qui-quadrado*.

Vejamos os dados:

- 24- "[...] levava **a gente** para a beira do rio à noite, com aquela lua bonita, caía no rio [...]" (GMAF e sua turma).
- 25- "[...] deixou **nós** tudo novo, era cinco irmãos [...]" (SMJM e seus irmãos)
- 26- "[...] aí ele pegou e trabalhava assim para conseguir manter **nós** [...]" (JMJF e sua família)
- 27- "[...] aí ele está querendo levar **a gente** na praia, mas eu não sei se vai dar certo não [...]" (JMJF e a comunidade que frequenta a igreja)
- 28- "[...] olaria, tijolo assim, não saia muito aqui, aí ele foi trabalhar fora devido a isso né, para manter **nós** [...]" (JMJF e sua família)
- 29- "[...] mas nunca trabalhou assim, sabe para sair, deixar **nós** [...]" (JMJF e suas irmãs)
- 30- "[...] aí graças a deus ela aceitou **nós** [...]" (JMJF e suas irmãs)
- 31- "[...] desde novinho meus avós levaram ele para igreja, aí ele casou né e foi levando **nós** também [...]" (JMJF e sua família)
- 32- "[...] e a professora passava e levava **nós** [...]" (JMJF e suas irmãs)
- 33- "[...] e na minha irmã Jileade e chamou **nós** para participar, para ajudar elas a cantar na frente e tudo mais [...]" (JMJF e sua irmã Jileade)
- 34- "[...] tinha professores que levava **a gente** sim. mas excursões fora da cidade, tipo assim, você fala viajar [...]" (KMJF e os colegas de classe)
- 35- "[...] criou um sistema que prejudica **a gente**. você está entendendo. o que acontece, a pessoa para você ganhar um voto aqui [...]" (MMJM e os candidatos)
- 36- "[...] ele pegou **a gente**, aí virou para ela e perguntou: assim que você faz, você vai para escola [...]" (SMJM e sua namorada)
- 37- "[...] meus irmãos, os mais velhos pegava **nós** e regaçava no pau, porque tipo assim [...]" (SMJM e seus irmãos mais novos)
- 38- "[...] uma das vizinha que chamava **a gente** de passa fome né, meu irmão chegou lá de carro novo [...]" (SMJM e seus irmãos)

39- "[...] meu pai ter deixado **a gente** muito novo então a minha mãe tinha acabado de ganhar a minha irmã [...]" (SMJM e sua família)

40- "[...] a política às vezes afasta **a gente**. Afasta **a gente** e ela não me largou nessa época, não larga mais não [...]" (AMAM e sua esposa)

A hipótese aqui testada é de que o A GENTE estaria em progressão mais adiantada na função de objeto, já que o NÓS nessa função parece carregar estigma devido à existência do padrão NOS.

Ao que parece em Machacalis não há estigma em relação ao uso de NÓS na função de objeto. Assim, a avaliação social negativa do uso do NÓS não é motivadora para o uso de A GENTE.

Observamos que não ocorrem casos das variantes A GENTE e NÓS na função de objeto com significado indeterminado, variável 4.

Considerações Finais

Observamos a implementação de A GENTE na cidade de Itaúna conforme Labov ([1972] 2008).

Em relação aos princípios de Hopper e Traugott (1993), observamos três dos cinco princípios que estão diretamente ligados às variantes em estudo: o princípio da estratificação (*layering*), o princípio da especialização (*specialization*) e o princípio da persistência (*persistence*).

Comprovamos nas duas cidades a hipótese 1 de que o significado indeterminado é implementado mais rapidamente.

Com o significado indeterminado na função de sujeito em Machacalis o A GENTE vem progredindo mais rapidamente. Comprovamos então a hipótese 1, mas não comprovamos a hipótese 2 de que a implementação se daria mais rapidamente na função de objeto do que de sujeito.



Em Itaúna, comprovamos as duas hipóteses.

Essa diferença entre as cidades pode estar relacionada às redes sociais. Assim, ao estabelecermos uma comparação entre as comunidades pesquisadas, observamos que em Machacalis, uma comunidade com rede mais densa e multiplexa (SILVA, 2014), a implementação da mudança de NÓS para A GENTE está ocorrendo mais lentamente do que em Itaúna, que possui uma rede menos densa, multiplexa, mais aberta (SIMIÃO e VIEGAS, 2015).

Referências

ALMEIDA, L. F. **A Variação das Vogais Médias Pretônicas na Cidade de Machacalis**, 2008. 28 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. 192 p.

COELHO, et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. 174 p.

COELHO, Rafael F. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo). 2006. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, FFLCH, São Paulo.

DIAS, M. R. **Estudo Comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros**. 2014. 372 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FRANCESCHINI, L. T. . Variação pronominal nós/a gente em Concórdia - SC: o papel dos fatores linguísticos e sociais. **Revista (Con) Textos Linguísticos** (UFES), Espírito Santo, v. 9, p. 176-197, 2015.

HOPPER, P. J. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P. J. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, 1991. p. 17-35 *apud* TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.



HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W (1972). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria Marta P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, Editorial, 2008. 389 p.

LOPES, C. R. dos S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIN, T. M. **Para a história do português brasileiro – Novos Estudos**. São Paulo: Humanitas/FLP/USP, v. 3, p. 25-46, 2002.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília.

MENON, O. P. S. A gente: um processo de gramaticalização. Estudos linguísticos. **Anais do Seminário do GEL**, XXV: Taubaté, 1996. p. 622-628.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1987.

OLIVEIRA, A. J. de. **‘Comendo o final das palavras’**: análise variacionista da haplologia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

OMENA, N. P. **“A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural”**. In: NARO, A. J. et alii: Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p. 286 – 319.

SIMIÃO, D.; VIEGAS, M. C. **Estudo das formas UAI ~ UÊ ~ UÉ em Piranga/MG e Itaúna/MG**. Comunicação apresentada no II DIVERMINAS, UFOP, Mariana, 2015.

SILVA, M. de L. M. da. Estudo comparativo da variação A GENTE ~ NÓS no falar baiano e no falar mineiro. **Revele**, Belo Horizonte, n. 7, 2014.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo, Ática, 2007. 96 p.

TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

VITRAL, L.; VIEGAS, M. C.; OLIVEIRA, A. J. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 201-228.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil**:

caminhos e perspectivas. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998. p. 45-72.

Recebido Para Publicação em 26 de junho de 2018.
Aprovado Para Publicação em 20 de agosto de 2018.